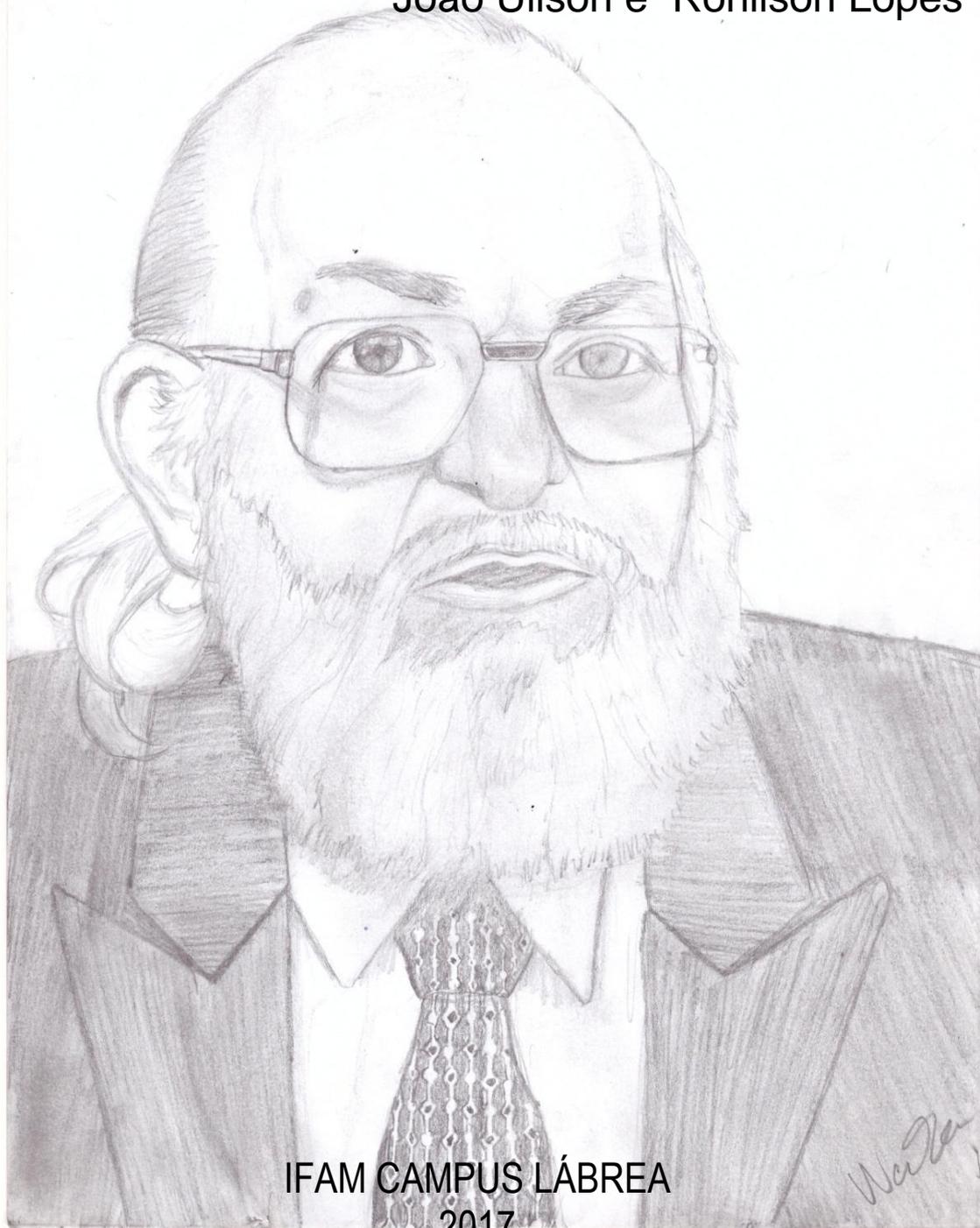


ESCRITOS DE EDUCAÇÃO II: conceitos de educação popular em Paulo Freire

Coleção proposta de ensino de filosofia por meio do cordel

João Uilson e Ronilson Lopes



IFAM CAMPUS LÁBREA
2017

Texto: João Uilson Vieira Filho e Ronilson de Sousa Lopes

Correções ortográficas: Vanuza Xavier Amorim

Imagem da capa: Weverton da Silva Rodrigues

Introdução: Vanessa Araújo Galvão

SUMÁRIO

1. Introdução.....	04
2. Experiência literária.....	06
3. Experiência literária.....	07
4. Propostas didáticas.....	08
5. Mitologia grega.....	09
6. Biografia de João Uilson.....	17
7. Biografia de Ronilson Lopes.....	18

INTRODUÇÃO

A literatura de cordel é bastante antiga. Há relatos de que teve início no século XII, através da narração oral da peregrinação à Jerusalém, Roma e Santiago de Compostela. Os textos foram propriamente escritos somente em meados do século XV, nesta época a referida literatura espalhou-se por diversas regiões como: França, onde era conhecida como *literature de Colportage*, Inglaterra com o termo *Chapbook*, na Espanha como *Pliegos Sueltos* e em Portugal como as *Folhas Volantes*, ou como são chamadas hoje, literatura de cordel.

Mas afinal o que é literatura de cordel? Trata-se de canção popular construída em versos, impressa e divulgada em folhetos. As imagens contidas neste tipo de literatura são confeccionadas através da técnica de xilogravura, também são utilizados desenhos e clichês zincografados. Ganhou o nome de Cordel pela forma como os folhetos eram expostos para divulgação e comercialização, geralmente pendurados em cordas ou barbantes nas ruas, praças e feiras culturais.

Sua chegada ao Brasil está intimamente relacionada ao processo de colonização do Brasil pelos portugueses, estes trouxeram a literatura, primeiramente para o estado da Bahia, e aos poucos, com a chegada do êxodo rural espalhou-se por outras regiões do país, firmando-se como expressão literária nordestina. Influenciou muitos escritores importantes como Patativa do Assaré, João Guimarães Rosa e Ariano Suassuna.

No início de sua floração no Brasil, o cordel por ser de fácil produção e circulação de ideias, cumpria a função de socializar temas do cotidiano do povo simples do interior, uma vez que não se tinha acesso a jornais impressos, aparelhos televisivos ou outros meios de comunicação.

Atualmente a literatura de Cordel tem ganhado novas roupagens a partir das novas tecnologias, bem como ampliado seu uso, perpassando vários espaços, como é o caso da utilização de textos em cordel nos ambientes educativos. Cito como exemplo esta coleção de textos, onde os autores, João Uilson e Ronilson Lopes, desenvolvem textos utilizando este formato para discutir filosofia na sala de aula com os discentes do Ensino Médio.

São textos simples e de fácil compreensão. Desta forma acredita-se que seus escritos podem ser utilizados na sala de aula com os alunos, principalmente os dos primeiros anos do Ensino Médio, os quais estão tendo, na maioria das vezes, o primeiro encontro com a disciplina de filosofia.

Os autores não tem a pretensão de fazer com que os professores desta disciplina substituam os textos dos filósofos, mas estão apenas sugerindo uma opção a mais com o objetivo de ampliar a possibilidade de reflexão sobre temas, muitas vezes áridos, de forma prazerosa e descontraída.

Acredita-se que a leitura deste gênero pode contribuir para o gosto pela literatura e para incentivar os alunos a fazerem outras experiências literárias, bem como de produção de textos, embora caiba lembrar que nem todo mundo tem habilidades artísticas, evidentemente que existe a necessidade dos discentes produzirem alguns trabalhos, estes não devem ser, necessariamente em cordel, o mais importante, neste caso é conseguir refletir e discutir os conceitos filosóficos, pois adquirindo estas habilidades, com toda certeza passar as ideias para o papel será bem mais fácil.

Os textos fazem parte de uma coleção e iniciam discutindo a mitologia grega e amazônica, perpassa pelos filósofos pré-socráticos e pelos conceitos de filosofia e, finalizam refletindo sobre o papel da educação e do homem enquanto ser que busca o conhecimento.

Assim desejo uma boa e prazerosa leitura

Vanessa Araújo Galvão

Lábrea 26 de Agosto de 2017.

EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

O grande amor que tenho pela Literatura de Cordel teve início ainda na infância quando minha mãe reunia a filharada para ler ao redor do leito. Foram muitos livros, entre eles alguns de cordel como: A chegada de Lampião ao inferno, João das questões, Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho, João Grilo e tanto outros.

Portanto a minha memória do cordel é cheia de afeto. Foi lendo o cordel que aprendi a juntar as primeiras palavras e ouvindo as narrativas que pude pensar em contar minhas primeiras histórias.

Quando me tornei adolescente comecei a escrever poesias e, em seguida contos, porém não conseguia escrever cordéis, embora tivesse muita vontade de fazê-lo. Pensava comigo, um dia ainda escrevo um cordel.

O que aconteceu em 2016 quando escrevi o cordel O Fofoqueiro. Após esse fato não conseguir mais parar de escrever, principalmente aqueles que estão relacionados a algum tema que trabalho na sala de aula de filosofia no Instituto Federal.

Ultimamente, duas coisas me deixaram surpresos, a primeira foi o fato de descobrir alguns livros antigos de cordéis de escritores aqui de Lábrea, cidadezinha do interior do Amazonas; a segunda, foi ver alguns dos meus alunos produzindo livros de cordéis para discutir temas importantes entre os colegas de classe.

Essas coisas só provam que a literatura de cordel continua viva e ao mesmo tempo encanta uma gama de novos leitores do século XXI.

Lábrea, 25 de Agosto de 2017.

Ronilson de Sousa Lopes

EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

Antes de conhecer a Literatura de Cordel, já tinha a poesia como encanto. Tentava juntar as letras e compor palavras, mas quando ouvi pela primeira vez o cordel apaixonei-me, foi amor a primeira vista.

Tudo começou nas proximidades da casa de minha mãe, na Região do Cariri, Sul do Estado do Ceará. Precisamente, na primeira escola que estudei, entre o primeiro e quarto ano do Ensino Fundamental.

Quando o sino da escola tocava anunciando o recreio, alguns alunos dentre eles, eu, sentávamos no portão de entrada da escola e, na época, o vigia de pé, declamava os cordéis para a meninada. Se não me falha a memória, alguns folhetos que ele lia eram escritos pelo pai daquele nobre vigia.

Naquele período de criança e adolescência o meu passatempo era escrever paródias de músicas da época, ao mesmo tempo arriscava escrever poesia, mas não a de cordel.

Não comecei cedo a escrever cordel. O meu grande desafio era conhecer a estrutura da poesia popular e unir as estrofes com uma única estória.

Na faculdade optei por pesquisar Literatura de Cordel e somar com a minha formação filosófica. Posteriormente descobri em sala de aula, que essa literatura é um importante caminho de acesso e de despertar a curiosidade filosófica dos alunos. Passei então a escrever cordéis com assuntos filosóficos. Dentre os escritos, tenho Mitologia Grega.

Hoje, no Nordeste do Estado de Minas Gerais, percebo que a Literatura de cordel entrou em minha vida, mostrando-me um mundo de possibilidades, despertando meu universo imaginário e permanecendo como forma viva, das minhas raízes.

Araçuaí – MG, 27 de agosto de 2017

João Uilson Vieira Filho

PROPOSTAS DIDÁTICAS

João Uilson Vieira Filho

O ensino de Filosofia por meio da Literatura de Cordel é um convite para que o aluno mergulhe no universo poético e encontre pensadores e conceitos filosóficos. Além disso, perceber e compreender a própria história da filosofia.

No contexto atual de multidisciplinaridade, o momento é propício para o diálogo entre filosofia e cordel. Embasados na necessidade de unir forças para o ensino e aprendizagem dos alunos, pensamos e atuamos com a presente proposta didática. Certos de que a sua aplicabilidade não é uma imposição, mas flexível a demanda dos alunos e a criatividade do professor.

Sendo assim, o uso em sala de aula desse material didático pode ocorrer, sugestivamente, da seguinte forma:

Primeiro: O cordel filosófico pode ser lido, pelo professor ou por um aluno e discutido para a melhor compreensão da temática filosófica presente no cordel.

Segundo: Dois ou mais cordéis podem ser distribuídos entre os alunos para que eles leiam e apresentem o resultado de suas compreensões.

Terceiro: A turma pode ser dividida em grupos e cada grupo trabalharia com um cordel de assunto diferente. Em um próximo passo, os grupos expunham o conteúdo lido e estudado para que toda a turma tenha conhecimento.

Quarto: Os alunos podem fazer a leitura do cordel e transformá-lo em música, semelhante ao que fazem os repentistas, que sem o texto escrito, dialogam entre si sobre determinado assunto ou a partir da leitura criar ilustrações, novos poemas, contos e outros cordéis.

Quinto: Após a leitura e estudo da filosofia em cordel, os alunos podem fazer um portfólio da história da filosofia. Isso a partir da criatividade dos alunos.

Estes são apenas alguns exemplos do que pode ser feito com os cordéis filosóficos em sala de aula. Todavia, conforme a dinâmica de ensino e aprendizagem do professor e dos alunos outras possibilidades podem surgir.

O importante é ter claro que, esse material não é uma tentativa de substituir o livro didático, mas de fornecer novas ferramentas de ensino de filosofia, pensando sempre na aprendizagem dos alunos.

PAULO FREIRE: EDUCAÇÃO POPULAR

O escritor Paulo Freire
Grande educador popular,
Criou um método de ensino
Para os pobres educar
A partir da criticidade
É que se forja a liberdade
Desse ele sem titubear.

Paulo Freire foi um educador
Que nasceu em Pernambuco
E se formou em direito
Tendo ele em seu intuito
De defender o inocente
Mas, errar indevidamente,
Pra ele era um insulto.

Por isto, decidiu ele,
Desistir deste ofício
Porque defender bandido
Era grande sacrifício
E, foi, então, procurar
Outra coisa p'ra laborar
Em um pequeno interstício.

Deste modo, tendo ele,
A oportunidade de trabalhar
Na cidade de Angicos
Como educador popular
Ensinando a adultos,
Dando seu contributo
Na arte de alfabetizar.

Porém, aquele povo
Pobres, feitos marginais
Na lida dura de oprimidos,
Mas, era um povo capaz
De realizar com criatividade
Feitos, com capacidade,
Como grandes maiorais.

Possibilitou Paulo,
Criar um método d'ensino
Que parte da ideia de que
O educando, homem ou menino
Não é uma tábua rasa
Onde se escreve do nada,
Isso é um completo desatino.

Pois, o educando,
Traz um saber de vivência
De sua casa ou trabalho
Ali em sua consciência
Desconsiderar sua vida
Seus sonhos, sua lida,
É uma grande inocência.

Esse saber é importante!
Porém, desconsiderado
Pelo saber tradicional
Por não ser letrado,
Sendo tão autoritário
Tão bruto e arbitrário
Sendo o capital seu aliado.

Por isto, Paulo Freire diz

Tão bem com seus ditos
Que a leitura do mundo
Precede a nossa escrita.
Muito antes de escrever
A palavra **empreender**
Já se sabe da luta e sacrifício.

Por isto, o educador
Não pode ser bancário
Agindo como possuidor do saber
E o aluno como depositário
Pondo em sua cabeça
Uma educação livresca
Como se ele fosse um otário.

Desconsiderando assim
O saber que o aluno traz
Como se ele não soubesse
Fosse simplesmente incapaz
De um saber intuir
E com o mundo interagir.
Pra Paulo, isso não se faz.

Pelo contrário, o aluno
Traz de seu mundo experiência
Bem como o educador
Que em sua docência
Aprende enquanto ensina
Do saber que o educando domina
E o ensina enquanto aprende.

*“Ninguém educa ninguém,
Mas os homens se educam
“Na dialogicidade”*

Um saber que não se em cuca
Mas que no encontro se forma
E depois se transforma
A partir da reflexão e da labuta.

Por isto, então, o professor
Paulo Freire pensou
Que através de pesquisas
Encontraria um tema regador
Que desse, então, sentido
Ao educando oprimido
E não do universo do educador.

Um bom exemplo disso
Para, assim, ilustrar
A palavra **tijolo** é de
Importância singular
Pra o servente ou pedreiro
Que trabalha o dia inteiro
E pode se familiarizar.

Todavia, entretanto,
Na hora de aprender
Vai ter mais facilidade
Nos momentos de escrever
E bem mais propriedade
E muito mais familiaridade
Vendo na educação seu viver.

Pelo contrário, se ele,
Vê de forma arbitrária
Coisas que não dizem respeito
Ao seu mundo, saber autoritário
Portanto sem sentido

Quando pronunciado ao ouvido
Não integra seu imaginário.

É uma educação a partir
De um universo distante
Que não é seu mundo
Por isso, desinteressante.
Assim, é fácil presumir,
Que será difícil interagir
Por ser desestimulante.

Por isto, Paulo Freire diz
De forma bem realista
A educação não é neutra
Pelo contrário, política!
Pois o saber que se faz
Só poderá ser eficaz
Consciente do ponto de vista.

Portanto, esta educação
É prática de liberdade
Forjada pelo oprimido,
Com autonomia e criticidade
Não, por outro, a ele dada,
Mas por ele outorgada
Por sua capacidade.

Esse saber gerado
A partir de árdua luta
E de reflexão séria
Pelo homem de labuta
Sua base é a criticidade
Portanto, de liberdade
Em prol d'uma sociedade justa.

Daí que esse oprimido
Tem que se libertar,
Se efetivar internamente
Para não se tornar
Um grande opressor
Impondo-se ou seu inferior
Passando assim a torturar.

A educação tem objetivo!
É o que ele queria.
Não é para uns se dá bem
Impondo a outros a tirania
Como vemos no capitalismo
Onde reina o individualismo
Cada um por si a revelia.

A partir deste método
Que Paulo Freire criou,
Embora com adultos
Creio que qualquer educador,
Pode aplicar com adolescentes
De forma inteligente
Com carinho e amor.

E mudar a prática
De uma sala de aula,
Valorizando o educando
Dentro e fora da sala
Considerando seu saber
Seu manifestar e dizer
Como Paulo mesmo fala

Por causa desta ideia
Paulo foi perseguido
Teve que fugir do Brasil
Como se fosse bandido
Percorreu outros países
Desenvolver novos matizes
América, Estados unidos...

E tantos outros lugares
Principalmente ajudando
A reconstruir o saber
O povo auxiliando
A partir da própria luta
Em meio a tantas disputas
Novamente o exilando.

Paulo, muito escreveu.
Sua linguagem veio
A partir de críticas,
Outras lutas incluíram.
Por exemplo, as feministas,
“Acharam-no, machista”,
Paulo sua linguagem redefiniu.

Não de forma banal
Mas, de maneira ética,
Como sempre amoroso
E até de forma poética.
Esse grande educador
Que a todos ensinou
Até de maneira profética.

Quando ao Brasil
Paulo Freire retornou

No fim da ditadura
Quando o país anistiou
Continuou a ensinar
Seu projeto concretizar
Como exímio educador.

Em noventa e sete
Paulo Freire adoeceu
E ficou muito abatido
E loco depois morreu.
Porém sua reflexão,
Sua luta e paixão,
Esta sobreviveu.

JOÃO UILSON VIEIRA FILHO



Nascido em Barbalha – CE, graduado em filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA em Belo Horizonte – MG (2010). É especialista em Educação profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM, Patrocínio – MG (2014). Foi professor na rede Estadual de Educação de Minas Gerais. Atualmente é professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – IFNMG, Campus Araçuaí. É o autor do livro **Desencontro** pela Editora O Lutador. Joao.uilson.vieira.com

RONILSON DE SOUSA LOPES



Nascido em Carolina – MA, passou sua infância na cidade de Goiatins no Estado do Tocantins. Licenciado em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA. Possui Pós-Graduação em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia pelo Centro Universitário Barão de Mauá.

Atualmente é professor de Filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM *Campus* Lábrea.

É o autor do Livro ***Contos do meu sertão*** pela Editora o Lutador e de livro de cordel **O Fofoqueiro** e de vários outros folhetins de cordel. lopespav@yahoo.com.br